

ANÁLISE DOS ASPECTOS EXISTENTES NO LIVRO DE CRÔNICAS DE TENÓRIO TELLES VIVER

Eliene de Oliveira Belo*
Esteban Reyes Celedón**

RESUMO: A princípio a crônica era uma narração de fatos históricos. Mais tarde com a invenção da imprensa a crônica passa a retratar a realidade social, a política, o cotidiano das grandes cidades. A crônica é um dos gêneros mais ricos da literatura brasileira, e o mais abasileirado. Entremendo ironia e linguagem coloquial, casos imaginativos e lembranças pessoais. Por ela o cronista relata casos vividos e/ou presenciados. Por meio de uma linguagem simples, informal e espontânea o escritor transcreve seus pensamentos de maneira direta, como se estivesse dialogando com o leitor. O Amazonas é genitor de grandes escritores cronistas, muitos de renome nacional que através de seus brilhantes trabalhos fazem da crônica uma agradável porta de entrada para o mundo da literatura. Este trabalho objetiva analisar as crônicas existentes no livro *Viver* do cronista Tenório Telles que retratam a vida social dos seus conterrâneos bem como fatos por ele vividos. Utilizou-se como metodologia a pesquisas de cunho exploratório em literaturas e sites confiáveis, além de uma entrevista com o autor em questão. Constatou-se que a crônica é um veículo pelo qual o cronista opina, contesta, levando o leitor a uma reflexão. Desse modo com textos de alto valor literário Telles faz da crônica sua arma de combate às injustiças, instigando seu público a meditar seu papel de cidadão.

PALAVRAS-CHAVE: Crônicas. Crônicas Manauaras. Tenório Telles. Viver.

RESUMEN: Al principio, la crónica era una narración de hechos históricos. Más tarde con la invención de la prensa, la crónica pasa a retratar la realidad social, la política, el cotidiano de las grandes ciudades. La crónica es uno de los géneros más ricos de la literatura brasileña, y lo más abasileirado. Entremezclando ironía y lenguaje coloquial, casos imaginativos y recuerdos personales. Para ella el cronista relata casos vividos y/o presenciados. Por medio de un lenguaje sencillo, informal y espontáneo el escritor transcribe sus pensamientos directamente, como un diálogo con el lector. El Amazonas es el generador de grandes escritores cronistas, muchos de renombre nacional que por medio de sus brillantes trabajos hacen de la crónica una agradable puerta de entrada para el mundo de la literatura. Este trabajo tiene como objetivo analizar las crónicas existentes en el libro *Vivir* del cronista Tenório Telles que retratan la vida social de sus compatriotas y los hechos que vivió. Fue utilizado como metodología la investigación exploratoria en literaturas y sitios de confianza, y una entrevista con el autor en cuestión. Se constató que la crónica es un vehículo por el cual el cronista opina, contesta, llevando el lector a reflexionar. Así, con textos de alto valor literario Telles hace de la crónica su arma para luchar contra la injusticia, instigando a su público a meditar su papel de ciudadano.

PALABRAS-CLAVE: Crónicas. Crónicas Manauaras. Tenório Telles. Vivir.

INTRODUÇÃO

Os gêneros literários dividem-se em dois grupos: aqueles em que o autor usa um método direto de se dirigir ao leitor, e aqueles em que os autores o fazem indiretamente. A crônica se encaixa no primeiro grupo, pois nela o autor usa uma linguagem simples, espontânea, quase sempre na primeira pessoa como se estivesse dialogando com o leitor.

* Graduanda em Biblioteconomia pela universidade Federal do Amazonas – UFAM.

** Prof. Dr. na Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

Oriunda do grego “chronokós”, relativo a tempo (chónos), pelo latim chronica, a palavra crônica designa uma lista de acontecimentos ocorridos de forma cronológica. Trata-se do gênero literário que atingiu seu ápice depois do século XII, e que a princípio era uma narração de fatos históricos, a chamada “crônica histórica”. Aqui na América, no século XVI, ficaram famosas as chamadas “Crônicas do descobrimento”, que relatavam a percepção do explorador europeu diante o esplendor do novo mundo. Mais tarde, com a invenção da imprensa no século XIX, a crônica passa a retratar a realidade social, a política, o cotidiano das grandes cidades, tendo a priori os jornais e folhetins como meios de divulgação; são as chamadas “Crônicas Urbanas”.

Ao contrário do romance que combina elementos da épica e do drama teatral, descrevendo as aventuras e desventuras de heróis exemplares, na crônica estamos diante de experiências do homem comum, expressas em linguagem ordinária e publicadas geralmente em jornais e revistas.

A matéria prima da crônica são os fatos do dia a dia, as notícias curiosas e acontecimentos que propiciam momentos de nostalgia, comiseração ou indignação compartilhados pelo cronista e os leitores. Do mesmo modo, segundo Pinto (2005, p.8) a crônica: “procura captar o lirismo contido na simplicidade, a poesia embutida no diálogo das ruas, o encanto das gírias e dos palavrões [...] em que o senso comum se perpetua”.

O cronista compõe suas crônicas a partir de conversas que ouve situações que presencia acontecimentos cotidianos e, através de seus escritos, opina, critica e ironiza de forma sutil, levando por vezes o leitor a se identificar com o lido, equiparando-se ao personagem narrado, como afirma Martins (1984, p.74): “a crônica pode[...]fazer do leitor, ator. Encerrar uma sábia lição, sem desviar-se do comum. Pode fazer pensar em tom de brincadeira.

Um escritor cronista, diferentemente de um poeta que usa o romantismo, o lírico, para se expressar, precisa estar atento aos acontecimentos atuais e reais de uma sociedade.

A crônica é um meio que o autor usa para retratar sua visão diante de determinados fatos expondo-se de maneira breve, como afirma o escritor Milton Hatoum:

A crônica é uma breve visão da realidade elaborada pela literatura. Pela mão de um escritor. É quase como uma breve aparição. É uma Espécie de poesia do cotidiano. É o momento lírico do cotidiano. Mas nesse momento cabe tudo. Cabe à política, cabe à visão sobre as coisas, sobre o tempo (CULT, 2013).

Rico em belezas naturais que instigam a imaginação dos escritores, o Amazonas é pátria de grandes cronistas dentre os quais destaca-se Tenório Telles, dramaturgo, crítico literário, poeta e autor de inúmeras crônicas que após terem sido divulgadas em jornais locais, hoje compõe dois livros : *Viver e Renovação*.

Esta pesquisa objetiva analisar estas duas obras citadas dando ênfase para *Viver*, contextualizando o gênero literário crônica. Nossa metodologia de estudo está embasada em literatura, consultas on-line, além de entrevista com Tenório Telles (que aconteceu no mês de abril), com o intuito de identificar as características existentes nesta obra, levantando seus elementos literários que possam traçar o perfil literário usado pelo autor na elaboração de seu trabalho.

1. A CRÔNICA NO BRASIL

A crônica não foi inventada no Brasil, mas em poucos países esse gênero literário atingiu o grau de excelência que conquistou aqui, a ponto de transforma-se na principal porta de entrada da literatura para boa parte do público.

Ligada à ideia da grande imprensa, a crônica só vem aparecer no Brasil com o estilo que tem hoje, nos meados do século XIX, quando os jornais evoluem para um tipo de empresa industrial. Dispondo de maior espaço o jornal se enriquece de atrativos e, com o noticiário, o grave artigo de fundo e as seções ordinárias, transforma a crônica em matéria cotidiana.

A crônica por vezes era um fenômeno híbrido, pois os primeiros cronistas brasileiros foram também os primeiros romancistas, notando-se que o romance urbano apresentava características naturais da crônica. Por este motivo, ambos os gêneros adotaram o título geral de folhetim; o mesmo era designado à novela quando publicada em jornal.

No Brasil, segundo o livro de Afrânio Coutinho (1997), no seu capítulo 57 referente à crônica, esta começou com Francisco Otaviano de Almeida Rosa em folhetim no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro (2 de dezembro de 1852). Porém foi José de Alencar que deu à crônica a mais alta categoria intelectual, alternando suas crônicas com algumas de Manuel Antônio de Almeida no folhetim do Correio Mercantil. Embora José de Alencar sempre usasse em suas crônicas uma linguagem poética que substituíra o lado repugnante da vida real por idealismo e encantamento, vez em quando usava seu espaço para deflagrar a sujeira existente na sociedade.

Ainda segundo Coutinho (1997, p.126), outro cronista do século XIX que deixou numerosa e interessante contribuição para a crônica foi Machado de Assis, tendo a obra *O Espelho* como sua entrada para esse gênero literário. Machado de Assis, como cronista participava diretamente de círculos sociais de onde extraía conteúdo para suas crônicas. Um bom exemplo é sua crônica “O velho Senado”, onde expõe o cotidiano da Casa, numa época em que seus componentes eram indicados e não eleitos.

Machado de Assis, criador de Brás Cubas, que enxergava a crônica em alguns de seus romances, consagrou-se ao gênero durante muitos anos, contribuindo consideravelmente para a evolução da literatura brasileira. Em *folhetinesca* é possível enxergar as variações pelas quais o gênero passou desde o Romantismo até o Realismo, com segmentação pelo Parnasianismo e Simbolismo, pois em suas crônicas Machado de Assis fez uso de um pouco de tudo.

Outros escritores ainda no século XIX como: Joaquim Manuel de Macedo, Quintino Bocaiúva, França Júnior e Araripe Júnior, assinaram crônicas nos principais jornais da antiga capital. Raul Pompéia, também foi escritor de crônica tendo *Canções sem metro* como sua obra máxima nesta ramificação; foi acusado de sofrer influência francesa, fato do qual nenhum cronista da época estava imune.

Já no século XX encontramos Paulo Barreto, conhecido como João do Rio, que é considerado o iniciador da crônica social moderna no Brasil. Ele, em suas crônicas, usava o progresso social como foco. Com a Semana da Arte Moderna esse movimento deu à crônica as feições de modernidade que a época exigia para esse gênero literário.

Nomes como: Mário de Andrade, Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Rachel de Queiroz e José Lins do Rego, não poderiam deixar de ser citados, visto que foram cronistas que contribuíram grandiosamente para que o gênero crônica continuasse existindo, dando destaque para Rubem Braga que de todos os cronistas contemporâneos segundo Coutinho (1997), é sem dúvida o mais subjetivo dos cronistas brasileiros, por apresentar em suas crônicas originalidade de uma imaginação poética, sem adorno, mas que alcançava a simplicidade clássica, numa linguagem direta.

A crônica a partir do Romantismo foi crescendo e assumiu personalidade de gênero literário com grande importância, com características próprias. É dos gêneros, o mais abraçado sem questionamento, no estilo, na linguagem, na técnica, como afirma Coutinho (1997, p.135) “[...] é grande a importância do gênero na literatura brasileira, de tal modo que

se apresenta esse fato singular de um escritor como Rubem Braga, entrar para história somente como cronista”.

Ao elaborar uma crônica, seu criador não transcreve meramente o que ouve. O cronista preocupa-se em recriar uma linguagem mais trabalhada, sem perder, contudo o sentido real do que deseja evidenciar, como afirma Sá (1985, p.10):

O coloquialismo, portanto, deixa de ser a transcrição exata de uma frase ouvida na rua, para ser a elaboração de um diálogo entre o cronista e o leitor, a partir do qual a aparência simplória ganha sua dimensão exata.

Pelo vínculo com a palavra, o cronista por vezes, torna-se um porta voz daqueles que compartilham do mesmo pensamento, mas que não dispõe do mesmo meio de expressão.

2. A CRÔNICA MANAUARA

O leitor da crônica em sua maioria é urbano. Por esta razão a crônica em grande parte retrata a vida urbana. Sobre isto Nery (2005) afirma que a preocupação com esse leitor é que faz com que o cronista, dentre os assuntos abordados, dê uma atenção especial aos problemas do modo de vida urbano, do mundo moderno, dos eventos cotidianos das grandes cidades.

Do mesmo modo Portella (1977, p.85) afirma que:

[...] Seria, portanto, um gênero cosmopolitas. Há nos cronistas, e nos referimos ao cronista da grande cidade, do Rio por exemplo, um apego provinciano pela sua metrópole, que é, aliás, um dos seus segredos. E é em nome desse apego que ele protesta diante das deformações do progresso, que ele aplaude o que a cidade possui de autenticamente seu.

Manaus, não diferente das grandes cidades, estimula o pensar dos cronistas da terra. Não só por sua beleza magnífica, mas por ser palco de ações que merecem o olhar indagador de seus habitantes.

Embora a crônica como mencionado tenha nascido do jornal, com o tempo ganhou novos meios de divulgação chegando ao rádio, televisão e mais contemporâneo, à internet.

Hoje, o leitor tem a internet como um excelente meio de acesso à crônica, pois lhe possibilita a leitura da mesma a todo momento. Além do leque de escritores cronistas que ela abrange.

Autor contemporâneo, Tenório possui na internet, uma página denominada “Blog do Escritor Tenório Telles”, onde pública suas crônicas. Também encontramos outros autores

amazonenses como: José Ribamar Bessa, Zemaria Pinto, Marcio Souza entre outros que fazem uso desta ferramenta para veicular seus belíssimos trabalhos.

Não podemos deixar de mencionar que outrora as rádios eram as grandes propagadoras do gênero crônica. A rádio Difusora é um exemplo de mídia que fazia uso da leitura de crônica como parte de sua programação, considerada grande atrativo, conforme consta no D24 AM (2010): [...] Desde a inauguração da rádio Josué Pai, acompanhado das badaladas do sino da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, lia a ‘Crônica do Dia’, o que passou a fazer parte da programação diária.

A crônica é um gênero de “vida curta”, que segundo Sá (1987, p.10) assim como o jornal, nasce, cresce, envelhece e morre em vinte e quatro horas. Deste modo seus registros em outros suportes garantem sua perpetuação. O livro aparece como brilhante meio de perenizar estes escritos, como afirma Candido (1992, p.6) “Quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que sua durabilidade pode ser maior”

Embora muitos afirmem que o que torna a crônica prazerosa é a leitura diária e o comentário espontâneo diante do que ela aborda, para outros tê-las reunidas no livro não a torna menos agradável e significativa. Deste modo, confiante de que reuni-las em um mesmo suporte seria uma forma de perpetuar, suas crônicas, Telles não hesitou em publicá-las em livros.

Embora haja mudança na escrita por alguns momentos, o sentido do escrito é o mesmo. Neste sentido Tenório em entrevista cedida à autora deste trabalho afirma que: “o que realmente importa é se alguém vai ler e se identificar com o lido” Fica claro, então que para o escritor o formato é o que menos importa, o que é realmente relevante é conseguir transmitir sua mensagem.

3. TENÓRIO TELLES

Tenório Telles nasceu no dia 2 de setembro de 1963, às margens do rio Purus, em uma localidade chamada São Tomé. É licenciado em letras (1989), com habilitação em Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Amazonas, onde também bacharelou em Direito, em 1996. No ano de 2001, tomou posse na Academia Amazonense de Letras, ocupando a cadeira N.º 16. (TELLES, 2009). Também é dramaturgo, crítico literário e pesquisador; e publica toda semana suas crônicas, onde faz um resumo do cotidiano do manauara, seus personagens, histórias, de uma forma irônica e poética.

Viver é seu primeiro livro exclusivamente de crônicas, que está em sua terceira edição, publicado no ano de 2011 pela editora Valer. Esta obra traz uma magnífica apresentação de Zemaria Pinto que abre o livro de 24 crônicas, sendo Viver a primeira delas. Nela Tenório Telles retrata o cotidiano de maneira real, sem ficção, buscando o ético, com a esperança de um mundo mais justo e humano. Faz também remissão à natureza, comparando o mundo dos homens aos dos animais como mostra o trecho da crônica “O cachorrinho”: “[...] Foste abandonado [cachorrinho], a exemplo do que ocorre com tantos outros bichos e seres humanos. Vivias na condição de tantas crianças que habitam as ruas deste país”.

Em 2013, aparece o segundo livro de crônica do autor. Trata-se de Renovação, também editada pela Valer, que traz a assinatura do poeta Elson Farias, que antecede as crônicas selecionadas, sendo Renovação, mesmo título do livro a primeira delas. Na ocasião do lançamento do livro *Renovação*, o jornal A Crítica de Manaus publica falas do autor Tenório Telles que define como o autor enxerga o cotidiano vivido no país naquele momento:

O livro está sendo preparado há mais de dois anos e trata das transformações que todo mundo vive no dia a dia, no trabalho, na vida familiar. Traz também temas sociais. Coincidentemente aconteceram esses fatos todos no País que têm como expressão mais evidente essa ideia de mudança. O que acontece no Brasil é um anseio de renovação da juventude, dos povos com relação à sociedade, aos governantes, as formas de representação política, aos partidos. Então, de repente, a crônica que dá título ao livro simboliza, de alguma maneira, esse momento que estamos vivendo.
(A Crítica, 2013).

Telles usa o gênero crônica como arma de combate à injustiça social, à falta de ética, chamando o leitor para uma reflexão diante de fatos que por vezes passa alheio, mas que requer o posicionamento de todos, para o alcance do que frisa o autor incansavelmente “um mundo mais justo e humano”.

3.1 ELEMENTOS LITERÁRIOS

Na produção de um material, o escritor utiliza-se de dois aspectos: o linguístico, que são as possibilidades de expressão que a língua lhe oferece e o mental, ou seja, seus traços psicológicos. Por meio dos recursos linguísticos, o cronista é capaz de expressar experiências comuns, atribuindo emotividade e teor poético ao discurso. As figuras de linguagem são usadas para valorizar o texto, tornando a linguagem mais expressiva.

Em suas crônicas Telles faz uso de figuras de linguagem, o que torna seus textos ainda mais envolventes, como mostra o fragmento em que está presente a catacrese : “A infância é o ponto para onde sempre voltamos. E lá, envolvidos pelas *dobras do tempo*, que estão os enigmas que nos revelam e nos explicam” (O rádio do meu avô e a crônica de seu Josué).

Também notamos o emprego de anáfora onde o autor faz uso para reforçar o sentido do que deseja expressar: “*É preciso fé* para seguir. *É preciso fé* para cruzar o mar de desesperança. *É preciso fé* para continuar acreditando em Deus num época de dúvidas. *É preciso fé* para continuar acalentando a crença na força reparadora do bem e do amor.” (Coragem e fé).

Outra figura de linguagem encontrada em seus fragmentos é a antítese: “Lembre-se que há sempre o risco de chegar sem chegar...” (Carta a uma amiga distante).

Telles ainda usa comparação em muitos de seus textos crônicos. Em “*Futebol e vida*” compara o futebol à nossa política, no qual muitos de seus protagonistas agem de má fé para conseguir interesses individuais, invés do bem coletivo: “Como se estivessem numa partida de futebol, usam da dissimulação, da chantagem e da violência para fazer triunfar seus propósitos pessoais”.

De fato, seus escritos crônicos são carregados de metáforas que tornam a leitura ainda mais prazerosa.

Ao produzir uma obra, o escritor coloca nela a sua maneira de pensar e de sentir; sua visão do mundo. Esta maneira de ver as coisas através de sua consciência de escritor, é que constitui o conteúdo de sua obra. É por meio de ideias, conceitos e sentimentos contidas em seus escritos, que consegue transmitir uma mensagem da sua mente de escritor para a do leitor.

A linguagem escrita ou falada como cada autor usa na elaboração de seu trabalho, ou seja, o vocabulário, a sonoridade, a disposição das palavras é o que chamamos de forma. É o meio que o autor utiliza para conquistar o público, mediante o conteúdo.

Cada autor possui uma maneira particular de explicitar seus pensamentos e sentimentos através da linguagem. A esta maneira chamamos de estilo.

Telles tem um estilo peculiar de expressão. Pois ao escrever usa toda sua leveza e equilíbrio, legando ao leitor por meio das palavras, mensagens, de maneira humilde e ao mesmo tempo penetrante.

Através de uma linguagem simples, divertida e breve, Telles discute as fraquezas e dilemas do homem. Faz o comparativo entre o ser humano e a natureza de modo que o leitor

consegue extrair a mensagem e tirar suas conclusões diante do exposto. Esta forma de expressão segundo Candido (1992) é um meio que o autor tem de apresentar ao leitor de modo insinuante temas que divertem, atraem que levam o indivíduo a madurar sua visão de mundo.

Porém cabe dizer que mesmo tendo seu estilo ímpar que o diferencia dos demais, todo autor revela estilo provindo das diversas escolas literárias, evidenciando-se com estilo barroco, modernista, clássico, etc. Cabendo ainda a afirmativa que o estilo é reflexo da alma do escritor.

Em seus textos crônicos, Tenório consegue remeter seus sentimentos, ideias e conceitos, invocando o leitor para uma reflexão do seu papel de cidadão. Também mostra-se um apaixonado pela natureza, retratando-a em seus escritos constantemente.

Ainda nesta obra (*Viver*), Telles proferi todo seu repúdio perante as afrontas que assolam como dito por ele, sua cidade, sua terra e seu país, não deixando, porém de salientar a boa conduta, os bons sentimentos e a beleza da vida.

3.2 CARACTERÍSTICAS DA OBRA *VIVER*

A crônica possui características que a particularizam. Apresenta-se como um texto curto e inteligível, de fácil percepção, na qual o autor em poucas palavras consegue transmitir o pensamento tencionado.

Geralmente é um texto narrativo. Outrossim, pode comportar outros modos de expressão como: descrição, contemplação, comentários e reflexão. É um texto subjetivo, pois nela o autor apresenta sua concepção. Em sua linguagem o autor emprega duplos sentidos, carregando o texto de conotações e jogo de palavras.

Embora utilize uma linguagem elaborada, a naturalidade com que se apresenta é que torna o gênero atrativo, como afirma Candido (1980, p.5) “[...] Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural”.

Mesmo que de forma ponderada o cronista faz uso da ironia ao retratar o tema. Em seu discurso a forma emotiva sobre a informativa tem predominância, variando de acordo com a intenção de cada autor.

Em *Viver*, Tenório utiliza-se de características que são comuns à crônica. Retrata a realidade humana de modo argumentativo, estabelecendo uma crítica social sem severidade, contudo dando o devido significado à problemática em questão. Também faz uso da oralidade, como mostra o trecho a seguir, extraído de “Manhã no Bradesco” uma crônica que compõe a obra *Viver*, em que Telles retrata a burocracia enfrentada ao procurar um simples serviço bancário:

- É uma cópia e nós exigimos o original...

Ao que o poeta respondeu:

A cópia está autenticada, registrada em Cartório.

-Nós não aceitamos...

- Você está dizendo que o documento reconhecido não vale?- intercedi.

-Não.

Ponderei:

-Moça, examine a fotografia, veja, é o senhor Amadeu.

-Só pode o original...

Os aspectos da vida social e costumeira é temática corrente do escritor cronista. Transmitindo os contrastes do mundo em que vive, apresentando episódios reais e/ou fictícios.

Viver, não apresenta uma temática singular, pois nela Telles retrata os mais diversos assuntos. Ora chama o leitor a se manter forte diante as intempéries da vida, e não tornar-se omissos diante do mal, como em: “Coragem e fé” e “Sobre a indiferença”. Ora faz menção aos valores familiares, dando à família o mérito na formação intelectual e espiritual de um bom cidadão, como apresentado em: “Famílias que fazem a diferença”. Ainda faz uso regular da forma epistolar visto em: “ Carta a um amigo imaginário”, “ Carta a uma amiga distante”, “ Carta ao mestre” e a mais excepcional; uma carta a Deus intitulada “Em defesa de Deus”. Ainda em: “O rádio do meu avô e a crônica de seu Josué” retrata momentos nostálgicos de sua infância.

3.3 LIVRO *RENOVAÇÃO* DE TENÓRIO TELLES

O livro *Renovação* é uma coletânea de crônicas de Tenório Telles selecionadas dos jornais que foram publicadas ao longo de 15 anos, que similar á obra *Viver* faz uma reflexão sobre a vida e os acontecimentos cotidianos. Lançado em 2013, a obra retrata transformações vividas no dia a dia tanto na vida social como particular. Também o espírito de mudança, “renovação” em que a sociedade busca diante do caos político e social em que o País vive. E

tal inovação só é possível perante uma nova postura, onde a sociedade lute por justiça, como afirma Telles na crônica “Sobre a indiferença” (p.44): a omissão é a causa de muitos males, pois a soberania dos tiranos incluindo os políticos corruptos só é possível diante a indiferença por parte da sociedade, que precisa ter postura frente às questões políticas.

Renovação nos faz refletir sobre nosso papel como cidadão, nos dando a possibilidade de escolha *entre bem e o mal*, nos fazendo crer que ser bom é *um exemplo edificante*. Que a vida é maior e de *uma história singela* podemos tirar grandes lições, nos fazendo lutar *contra toda desesperança* que por vezes tenta assolar nosso coração e nos faz achar que *a grama do vizinho* é mais bela que a nossa. Ajuda-nos ainda a caminhar e *cultivar virtudes* que nos traz *luz, beleza e verdade*, nos fazendo *homens que fazem a diferença*.

4. ANÁLISE DA CRÔNICA VIVER

A crônica *Viver* é a primeira que compõe o livro de Tenório com a mesma titulação. Nela, Telles convida o leitor a de fato “viver”. Pois segundo ele, viver é muito mais que simplesmente existir. É tomar partido. Posicionar-se diante do mundo, sabendo que somos responsáveis pelo nosso planeta, com a consciência de que cada ação nossa, influi na vida de todos. E quando se fala todos, referem-se aos demais habitantes desta casa, que são os animais, as plantas, e todo organismo existente. Viver, consoante o autor é entender que em nossa existência temos que fazer escolhas, e escolhas equivocadas nos traz pesares. Desse modo como diz Telles ouvir os ensinamentos dos mais experientes é uma sábia decisão. Sabendo, contudo que as respostas para nossos medos e indagações estão dentro de nós.

Viver, segundo Telles é compreender que fazemos parte de uma grande família que se chama vida e independente de nossa cor, devemos estar atentos ao que acontece ao nosso redor, nos posicionando e exercendo nossa cidadania, lutando na construção de um mundo mais fraterno.

Por fim, viver mais que tudo em consonância com Telles é não ter medo ou vergonha de ser bom. É acreditar que o mundo tem jeito, fazendo-se obreiro na construção de uma sociedade onde o homem seja respeitado por sua generosidade e não por suas posses, acreditando na força da esperança e da justiça.

5. ANÁLISE DA CRÔNICA EM DEFESA DE DEUS

Esta é a última crônica que compõe o livro *Viver*, onde o autor fala que o templo Divino tornou-se local de comércio, onde se negocia milagres e salvação, entendendo o posicionamento de Deus quando deixa o homem com o seu livre-arbítrio fazer suas escolhas e arcar com as consequências.

Nela Telles fala de sua vergonha diante do cinismo e loucura em que a humanidade está mergulhada. Vergonha da ingratidão e de todos os sentimentos carregados de maldade, que assolam o homem e do desrespeito ao usar o santo nome de Deus em vão para justificar o império da crueldade.

Contudo, o autor menciona que entre tantos seres perversos, existem pessoas que lutam pela justiça, que plantam as sementes do bem. Também, fala de sua luta diária para manter sua fé e a esperança. E por fim pede a Deus que tenha compaixão de nós e deseja que esta mensagem não chegue tarde demais em Suas mãos.

6. ENTREVISTA COM O ESCRITOR TENÓRIO TELLES

Mesmo tendo uma vida agitada, na manhã de 18 de abril de 2015, Tenório Telles gentilmente cedeu uma entrevista, que ocorreu na livraria Valer, localizada Rua Ramos Ferreira, 1195, centro de Manaus.

Na ocasião foram respondidos questionamentos que embasaram a nossa pesquisa.

Ao ser indagado sobre em que momento decidiu que ser escritor seria sua profissão, Telles disse que sempre teve muita dúvida quanto sua relação com a escrita, pois sempre quis ser professor, na verdade segundo ele, se preparou para ser professor, tanto que fez magistério no ensino médio, depois cursou Letras para ser professor de Literatura e mesmo depois de começar a escrever, não se pensava como escritor, por entender que ser escritor era algo de muita responsabilidade. Passou grande tempo de sua vida se assumindo como professor, e somente aos quarenta anos de idade começou a entender que era relevante também assumir esse outro aspecto de sua vida, de sua identidade, embora confesse que ainda se sente atemorizado em falar que é escritor. Por trabalhar com tantas insuficiências, às vezes se achava incapaz de expressar tudo que sentia tudo que pensava, e quando se deparava com a inépcia de se expressar, confessou o receio de se auto afirmar como escritor. Contudo, hoje ao menos tem a consciência que é uma pessoa que trabalha com a palavra, que escreve que se esforça para tal e que já não possui a dificuldade inicial de assumir esse aspecto de si mesmo, de alguém que além de ser professor também escreve.

Tenório diz ainda que nunca imaginou que um dia se destacaria que seria reconhecido por sua escrita. Em nenhum momento da fase de sua formação, cogitou a possibilidade de ser um escritor, como muitos os veem. Isso veio como algo não planejado, mas que terminou acontecendo, porque a vida é surpreendente, nos levando a caminhos inimagináveis. O fato de hoje ser alguém ligado à palavra não guarda nenhuma relação com qualquer projeto de sua infância ou de sua juventude.

Quando escreve, Tenório diz buscar inspiração em seu desejo de falar sobre o mundo em que vive, tendo necessidade de verbalizar suas apreensões, seu assombro, sua indignação diante de um mundo tão barbarizado, tão violento, tão indiferente à vida, tão cruel com as pessoas, com os seres humanos, com uma sociedade tão injusta, com um sistema político tão desumano. Escrever, segundo ele, é uma forma de resistência, de atribuir um significado à sua vida, de conseguir força, ânimo para continuar vivo e combatendo todas essas afrontas. Em suma, o que impulsiona sua escrita é o desejo de dizer não a tudo isso, testemunhando sobre essa realidade que acontece no seu tempo, na sua terra, no seu país.

O ofício de ser escritor, para Telles, é uma condição, é uma necessidade de justificar sua vida, dizendo ainda que a relação com a cultura, com a arte, com o conhecimento, com a beleza, e o ato criativo, são formas de justificar de alguma maneira sua existência. Escrever, segundo ele, é um ato de negação à morte, ao sofrimento, é um esforço que se faz para se firmar através da escrita, se firmar pelo seu pensamento, por sua inventividade. Enfim, o trabalho do escritor é esse ofício não só do ato de criar, mas também um gesto, uma forma de existir por meio de sua escrita, de sua imaginação.

Telles afirma que assim como as crônicas escritas em *Renovação*, *Viver*, traz relatos de pequenos acontecimentos repentinos que lhe despertam a ideia de escrever. Algumas nascem de fatos vividos, outros de atos presenciados, de coisas que ouviu, e ainda de circunstâncias. Cita a crônica “O cachorrinho”, existente em *Viver*, como exemplo de algo presenciado por ele, em que pode testemunhar a crueldade do sujeito, ao atropelar o animal, sem nenhuma compaixão, demonstrando sua indiferença como se a vida daquele ser fosse algo fútil.

Tenório declara que ter sido coordenador editorial da livraria Valer, facilitou seu ofício de escritor, pois o convívio constante com a palavra, com a escrita, com o processo de criação de outros escritores, o fez ver o sofrimento de alguns escritores na hora de criar. A preocupação que tinham em produzir um bom material deu-lhe a consciência do processo que envolve a escrita. O método criativo de cada autor, o impulsionou a cuidar de seu próprio

trabalho, de seu processo de criação, sendo uma experiência muito valiosa, não só em termos da construção de um processo editorial, da relação agradável com os livros, ou da contribuição para o surgimento de novos autores, mas pelo significado que essa experiência trouxe em relação ao processo que envolve o aspecto da criação.

O convívio com alguns autores como Luíz Bacelar, Tiago de Melo, Elson Farias, Alencar e Silva, Astrid Cabral, Márcio Souza, que são escritores respeitosos, disciplinados, rigorosos com seus próprios trabalhos, segundo Tenório, lhe proporcionou um enorme aprendizado, o que sem dúvida fez do ofício de coordenador editorial, uma feliz escolha.

Morar em São Paulo, conforme Telles favoreceu seu trabalho como escritor, tornando-se uma das mais brilhantes experiências de sua caminhada. Embora a princípio tenha relutado e passado por algumas dificuldades de adaptação, hoje se sente familiarizado com aquele universo. Por ser uma cidade provocativa, instigante, com muitas possibilidades em termos culturais, viver em São Paulo, segundo Tenório, contribui bastante para seu crescimento pessoal, dando-lhe consciência de suas possibilidades, inclusive em termo de reconhecimento de sua própria condição como alguém ligado à escrita. São Paulo é uma cidade motivadora, afirma Telles, e o impulsiona muito a aprender e sobre tudo a escrever. Permite-lhe participar de muitos eventos, onde é possível o contato com outros escritores que se preocupam em agradar seu leitor e que são admirados por ele, contribuindo para seu fortalecimento como criador.

Ao publicar suas crônicas, Tenório declara que não esperava nenhum retorno. Publicou na verdade por insistência de alguns conhecidos e por achar que devia reuni-las em um livro com intuito de preservá-las, visto que o jornal é algo efêmero. Também porque de acordo com ele passou a acompanhar o trabalho de grandes cronistas como Drumond, Ruben Braga, que tinham essa preocupação de preservar seus escritos, e que usaram o livro com suporte. O resultado foi inesperado, pois para ele quem escreve tem que escrever sem a preocupação com o retorno. Acredita que, saber que alguém vai ler e se identificar com o livro é o que realmente importa.

Atualmente Tenório diz estar mais leitor que escritor. Afirma estar em uma fase de ler muito, fase de aprendizado, de conhecimento de alguns autores que considera relevantes para sua formação, para seu aprendizado criativo. Com o projeto de escrever um livro sobre infância, declara estar lendo tudo o que hoje encontra traduzido sobre o tema, confessando seu encantamento por Patrick Modiano, escritor francês, que foi agraciado com o prêmio Nobel de Literatura. Telles cita o livro *A remissão da pena*, de Modiano como o mais recente lido

por ele; estando em seu segundo livro também de autoria de Patrick, intitulado *Flores da ruína*, que segundo Telles trabalha a memória, e ainda com a ideia do tempo. Tenório revela-se encantado com a maneira com que Modiano escreve, principalmente, seu trabalho com a linguagem, sua forma de resgate dos pequenos lampejos de memória da cidade de Paris onde viveu parte de sua infância e juventude.

Telles diz estar lendo também o livro *Sobre a escrita* do americano Stephen King. Segundo ele, o autor faz um relato sobre sua experiência criativa, falando de suas vivências, suas histórias, todo esforço que fez para vencer as dificuldades, incluindo o fato de ser rejeitado por muitas editoras.

O livro fala também do reconhecimento que King adquiriu por sua tenacidade, mostrando que, semelhante à de muitos, a vida de escritor também enfrenta obstáculos, diferente do que muitos pensam.

Tenório acrescenta que o leitor, por não conhecer a vida do escritor muitas, vezes imagina uma vida glamorosa, fácil, perfeita, porém é uma vida normal marcada por desafios. Todo escritor, segundo Telles, tem insegurança como todo mundo, inclusive o medo de não conseguir escrever, de não conseguir criar, de não terminar sua obra. Os escritores, similares aos outros trabalhadores, pagam conta, tem problemas familiares; o livro de King, de acordo com Tenório, retrata essa realidade. É uma obra muito admirável, porque King fala de si com muita humanidade, dos seus conflitos diários, não para com o mundo, mas contra si mesmo, contra suas limitações, suas inseguranças. Telles diz se identificar bastante com essa exposição, pois também afirma enfrentar o medo de não produzir, o que lhe deixa em um estado de prostração e de angústia. Quando consegue vencer esse embate, consegue escrever e manifestar seus pensamentos.

Tenório diz que atualmente tem observado uma presença muito forte da crônica nos principais veículos de comunicação, assim como o surgimento de bons cronistas. Telles acrescenta que hoje no Amazonas, principalmente em Manaus, estamos vivendo um processo de consolidação da crônica como um gênero presente não só nos meios de comunicação, mas também como um gênero literário. Isso acontece pela preocupação em que muitos autores tem tido em reunir suas crônicas em livros, perenizando a crônica como um gênero criativo relevante para a produção literária do Amazonas. Tenório destaca Wilson Nogueira, Ivania Vieira e Márcio Souza com cronistas que estão promovendo o firmamento da crônica no cenário literário que se produz no Amazonas. O que antes era exclusividade de jornais e

seguidamente dos blogs, hoje, está presente também no mercado editorial. A reunião de crônicas em livros facilita e prolonga o contato do leitor com o trabalho dos criadores.

Por fim, Tenório disse que planeja para o próximo ano o lançamento de um novo livro de crônicas, o terceiro, onde trará uma coletânea de relatos inéditos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crônica como visto é um gênero que permite ao cronista apresentar suas ideias de modo crítico sem que o mesmo se exponha de modo direto. Também por ser um gênero no qual a linguagem coloquial é corrente, sua leitura torna-se compreensiva a todo tipo de público.

Mesmo sendo filha do jornal, este trabalho nos mostrou que o livro é um dos meios pelo qual sua perenização é possível. Além da praticidade oferecida aos leitores em ter as crônicas reunidas em um único suporte.

Telles é um cronista de destaque na literatura amazonense. Mesmo sendo um intelectual, sua humildade foi evidente em seus escritos. Contudo, não significa que seus trabalhos não sejam carregados de qualidades como seriedade e esmero, que mostraram o respeito de Tenório para com seu público.

O estudo da obra *Viver* nos levou a perceber o cuidado em que Telles tem em apresentar a seus leitores um trabalho de qualidade no qual fez bom uso das características da crônica tornando a leitura ainda mais aprazível.

Assim entende-se que esta obra (*Viver*) é um presente aos amantes do gênero, não meramente por seu conteúdo, mas por sua autoria, visto que seu criador além de escritor, poeta, crítico literário é um cidadão preocupado com seu país e usa a crônica como manifesto de repúdio às injustiças sociais, não deixando, porém de mencionar sua admiração por aqueles que merecem reconhecimento.

REFERÊNCIAS

APOIO A PORTUGUÊS: características da crônica. Disponível em:
<<http://apoioptg.blogspot.com.br/2007/04/caractersticas-da-crnica.html>>
Acesso em : 05.jul.2015.

BATTISTI, Julio. **JB livros e cursos**:a sua sala de aula na internet. Disponível em:
<<http://juliobattisti.com.br/tutoriais/josebferraz/figuraslinguagem001.asp>>
Acesso em:07.jul.2015.

CANDIDO, Antonio et al. **A vida ao rés-do-chão**. In: _____. A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CANDIDO, Antonio. **A vida ao rés-do-chão**. Prefácio para gostar de ler. São Paulo: Ática, 1980.

COUTINHO, Afrânio. (Dir.) **A Literatura no Brasil**. 4. ed. rev. e atual. – São Paulo: Global, 1997.

CULT. Revista Cult: Milton Hatoum, um cronista à espreita. (entrevistado por Mariana Marinho). Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2013/07/milton-hatoum-um-cronista-a-espreita/>> Acesso em: 10.mar.2014.

MARTINS, Sylvia J.de Almeida. **A linguagem de Drummond na crônica**: um estudo lingüístico-estilístico. Tese de Doutorado. Araraquara: UNESP, 1984.

NERY, Alfredina. **Crônica**: gênero entre jornalismo e literatura. Disponível em: <<http://educaçao.uol.com.br/disciplinas/portugues/cronica-genero-entre-jornalismo-e-literatura.htm>> Acesso em: 06.jun.2015.

PINTO, Manuel da Costa. **Antologia de crônicas**: crônica brasileira. São Paulo: Moderna, 2005.

PINTO, Zemaria. Palavra do fingidor: Ensaios, contos & prosa. Disponível em: <<http://palavradofingidor.blogspot.com.br/2011/07/viver-uma-apresentação12html>>. Acesso em: 28. mar. 2014.

PORTELLA, Eduardo. **A cidade e a letra**. In: _____. Dimensões I. Rio de Janeiro: José Olympo, 1958.

SÁ, J. **A crônica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

TELLES, Tenório. **Viver**. Manaus: Editora Valer, 2014. 97p.

TELLES, Tenório. **Blog do escritor Tenório Teles**. Disponível em: <<http://www.tenoriotellesblog.wordpress.com>>. Acesso em: 28. mar.2014.

TELLES, Tenório. **Renovação**.Manaus: Valer, 2013.

Recebido: 18/06/2016

Aceito: 23/07/2016